

**FRANCISCO CARVALHO**



**ARTEFATOS DE AREIA**



*Mundo Manual*

LIVROS DO  
AUTOR:

- *Cristal da Memória*  
- 1955
- *Canção Atrás da*  
*Esfinge* - 1956
- *Do Girassol e da*  
*Nuvem* - 1960
- *O Tempo e os*  
*Amantes* - 1966
- *Dimensão das*  
*Coisas* - 1967
- *Memorial de Orfeu*  
- 1969
- *Os Mortos Azuis* -  
1971
- *Pastoral dos Dias*  
*Maduros* - 1977
- *As Verdes Léguas*  
- 1979
- *Rosa dos Eventos*  
- 1982

- *Quadrante Solar* - 1983
- *As Visões do corpo* - 1984
- *Barca dos Sentidos* - 1989
- *Rosa Geométrica* - 1990
- *Exercícios de Literatura* - 1990
- *O Tecedor e sua Trama* - 1992
- *Crônica das Raízes* - 1992
- *Flauta de Barro* - 1993
- *Galope de Pégaso* - 1994
- *Sonata dos Punhais* - 1994



Do prezado amigo  
Nito Muciel, com  
a maior estima do

A large, stylized handwritten signature in black ink, appearing to read 'Nito Muciel'.

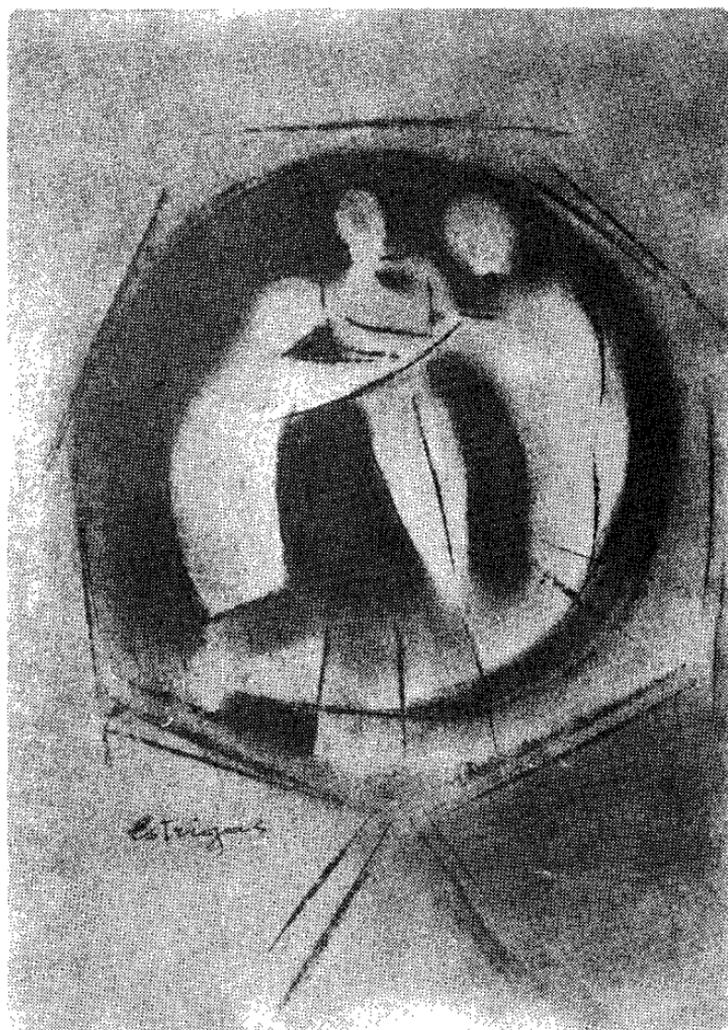
Em 04/04/95







**FRANCISCO CARVALHO**



**RTEFATOS DE AREIA**



*Mundo Manual*

ARTEFATOS DE AREIA

Copyright by Francisco Carvalho

Projeto Gráfico: o autor

Pintura da capa: Estrigas

Revisão: o autor

Tiragem: 200 exemplares

Composição e editoração: EDITAR

Impressão: ZÁS Gráfica e Editora

Para MUNDO MANUAL EDIÇÕES

Ilha do Governador/RJ

1995

Todos os direitos reservados ao autor.

Vedada a reprodução de texto e projeto gráfico,  
sob as penas da lei.

Diretor-Editorial: SÉRGIO CAMPOS

*À memória de  
Sérgio Campos,  
cuja morte desfalca  
a poesia brasileira  
da atualidade  
de uma de suas  
figuras mais  
brilhantes  
e representativas.*



O VENTO  
ANUNCIA A MORTE



I

As horas passam  
como um rebanho de ovelhas  
de volta ao pasto seco.

Registramos nossas dúvidas  
num velho calendário  
de algarismos góticos.

Nossos sapatos consomem  
léguas de orgasmo  
(cavalgada do êxtase).

As horas desenrolam  
seu novelo de areia.  
O vento anuncia a morte.

## II

A tarde se espraia  
entre as sombras do parque  
e as vogais da lápide.

O vento devaneia  
desenhando a saudade  
nas laudas do mármore.

Memórias e folhas  
tombam das árvores  
e dos olhos das coisas.

Monjas desgrenhadas  
os ciprestes sussurram.  
o vento anuncia a morte.

### III

Alço vôo no vazio.  
Sou navegante  
de muitas ausências.

A carne é uma barca  
sem remo nem vela.  
A alma soçobra.

Os dias são âncoras  
que nos prendem  
aos mortos soterrados.

Eis que partimos  
rumo às praias do adeus.  
O vento anuncia a morte.

## IV

Conheço todos os signos  
e insígnias do corpo  
ó carne semeada

de gritos e êxtases.  
Conheço o limiar  
da porta de cristal.

Conheço a profundidade  
da vertigem, a latitude  
de tuas vestes orgíacas.

Conheço os arcanos  
do ágape frugal.  
O vento anuncia a morte.

# V

Sou cúmplice das coisas  
floresço entre elas  
e isso me basta.

Não há solidão  
se as coisas me visitam  
sob os arcos do dia.

O silêncio da pedra  
é o começo da voz.  
Placenta da palavra.

Os lábios que sussurram  
são coisas do prodígio.  
O vento anuncia a morte.

## VI

A pedra na relva  
a cruz de madeira  
no lugar do morto.

O sino da ermida  
se espraia nos vales  
onde as cabras ruminam

as vestes dos reis.  
No fundo das cisternas  
crescem lírios de sangue.

Memórias degoladas  
pelos dentes dos peixes.  
O vento anuncia a morte.

## VII

A vida é uma promessa  
de sedução e glória.  
Portal do apocalipse.

Os palácios de Sodoma  
e os ventos de Gomorra  
não arderam em vão.

Na tumba do ancestral  
já não se regam volúpias.  
Choro e ranger de dentes.

Sou a cabeça decepada  
do fantasma do rei.  
O vento anuncia a morte.

## VIII

Os deuses nos apascentam  
como se fôssemos  
um rebanho de ovelhas.

Os deuses tocam flauta  
e o seu rebanho de volta  
aos pastos da agonia.

Os deuses sonham que somos  
herdeiros dos canibais.  
Às vezes nos presenteiam

com tempestades e raios.  
Os deuses são mentecaptos.  
O vento anuncia a morte.

## IX

Do coração dos relógios  
goteja o sangue do tempo  
no fundo da clepsidra.

Dentro da noite morta  
o tempo se desfaz  
em gélida simetria.

Ao longo das paredes  
os lábios dos retratos  
dizem velhas parábolas.

A noite alonga as pálpebras  
na esquina da eternidade.  
O vento anuncia a morte.

## X

Somos filhos da água  
e comensais do pântano.  
Levamos o purgatório

nas entranhas. Ardemos  
ao fogo do inferno  
como um pedaço de cedro.

Nossos pais estão largados  
nos seus túmulos  
de raízes decrepitas.

Nada sabemos da infância  
dos avós e dos peixes.  
O vento anuncia a morte.

## XI

Pulsar entre as coisas  
é estar presente  
no mundo. É repartir

as messes do corpo  
com a mulher amada.  
É estender as mãos

para a sombra que passa  
entre vultos de pedra  
e pensamentos calados.

É arder como a lâmpada  
no limiar da porta.  
O vento anuncia a morte.

## XII

O pássaro é algo  
que se desintegra  
aos olhos da nuvem.

O vôo do pássaro  
começa e termina  
no limiar da nudez.

Nuvens são vides do céu  
vinho o canto do pássaro  
taça de fel nossa voz.

O pássaro é algo  
que se repete em sonho.  
O vento anuncia a morte.

## XIII

Eis que soam as trombetas  
dos anjos do apocalipse.  
Unge tuas mãos e as vestes.

Não espera que o raio  
parta os veleiros do céu  
em duas tochas de fogo.

Vive o instante da vertigem  
na plenitude do corpo.  
Os desejos arderão

numa fogueira de espelhos.  
Um anjo chora em teu ombro.  
O vento anuncia a morte.

## XIV

O amor é tudo o que resta  
desses dias de naufrágio.

A sedução é uma porta

para o inferno dos sentidos.

Todo caminho é uma senda  
de ausências e de espinhos.

As chagas dos meus sapatos  
são iguais às do profeta  
que apascenta escorpiões.

O amor é tudo o que resta  
do naufrágio dos sentidos.

O vento anuncia a morte.

## XV

Erguemos nossas cavernas  
com matéria perecível.

Toda morada é exílio

do homem. A palavra  
é o exílio da alma  
e refúgio do Ser.

Os deuses nos governam  
pela bússola da voz.

Toda palavra é cântico

de augúrio, reminiscência  
da infância soterrada.

O vento anuncia a morte.

## XVI

Tudo o que buscamos  
é a memória do sangue  
esculpida na pedra.

Os retratos dos avós  
repetem nas paredes  
insólitas parábolas.

Tudo o que buscamos  
é o ouro da falácia  
e os frutos do prodígio.

Raízes são nossas mãos  
remidas pelo sangue.  
O vento anuncia a morte.

## XVII

O giro das estações  
governa os nossos sentidos  
o pensamento e as artérias

mais ocultas nas entranhas.  
Nossos olhos, nossas mãos  
são artefatos de sangue

para as orgias do êxtase.  
Tuas aflições metafísicas  
são sombras e nada mais.

As asas das estações  
ardem nas chamas da alba.  
O vento anuncia a morte.

## XVIII

Toda palavra é cântico  
de augúrio. Toda palavra  
é lâmina de punhal

cravada no adeus.  
Toda palavra é chama  
em que arde a nudez

e os crepes do delírio.  
Toda palavra é âmbito  
de pudor e cristal.

Toda palavra é semblante  
e inocência do mito.  
O vento anuncia a morte.

## XIX

Quando passar a estação  
meus versos serão largados  
como artefatos de areia

entre as chamas das marés.  
As palavras arderão  
na fogueira das metáforas.

Talvez reste do naufrágio  
algum sussurro da alma  
libertada da matéria.

Talvez reste algum indício  
de espera e ressurreição.  
O vento anuncia a morte.

## XX

As folhas das estações  
fiam vestes para o homem  
sonhar em noites de areia.

O tempo corrói as pedras  
as esculturas de bronze  
e os perfis das catedrais.

O tempo corrói a fala  
destrói os nossos sentidos  
e os signos da sedução.

É algum deus que nos brinda  
com seu colar de heresias.  
O vento anuncia a morte.

## XXI

Toda palavra é plumagem  
de rosa esvaída em sangue.  
Verso nos lábios de Lorca.

Toda palavra é parábola  
nos lábios do carpinteiro.  
Toda palavra é o vagido

do anjo da profecia.  
Toda palavra é umbral  
regresso do filho pródigo.

Toda palavra é acalanto  
de pássaro assassinado.  
O vento anuncia a morte.

## XXII

Se o teu canto não falar  
à alma dos oprimidos  
joga-o no esgoto da escória.

Se não comover as pedras  
se não domar o relâmpago  
joga-o no fundo do pântano.

Se não passar pelo tempo  
como um cavalo de fogo.  
Se não mudar o sentido

do tempo e a alba dos galos  
joga-o na lama da história.  
O vento anuncia a morte.

## XXIII

Se o clamor dos oprimidos  
e as lágrimas das ruas  
não comoverem as pedras.

Se a hecatombe da África  
não arrancar soluços  
das entranhas dos rochedos.

Se a diáspora das sombras  
derrubar nossas portas  
com seus escudos de sangue

Só restará o caminho  
para as cavernas do exílio.  
O vento anuncia a morte.

## XXIV

Repara, ó Melibeu,  
como são doces as tardes  
em que o pastor conduz

as ovelhas para os vales  
do crepúsculo. Repara  
como a plumagem das sombras

envolve os cimos da terra.  
Como a brisa sussurra  
sobre os ramos da água.

Repara como as ovelhas  
ruminam tanta beleza!  
O vento anuncia a morte.

## XXV

Os séculos desabam  
sobre as copas das árvores.

Os dias resplandecem

nas vogais do epitáfio.

Os anos, ó Melibeu,  
são os coveiros do homem.

São como nuvens que partem  
como pombas que voltam  
num céu de fogo e vertigem.

O homem é só um hóspede.

Uma distração de Deus.

O vento anuncia a morte.

## XXVI

As verdes relvas e as doces  
colinas, ó Melibeu,  
são dádivas dos deuses.

Os vinhedos e as ravinas  
onde os cabritos velozes  
pastam os raios do sol.

A respiração das fontes  
o madrigal dos arroios  
a sombra à beira da estrada

o vinho e os signos do corpo:  
tudo é dádiva dos deuses.  
O vento anuncia a morte.

## XXVII

Os altos rochedos onde  
as vagas devaneiam  
no seu bailado de espumas.

As orquídeas das marés  
a solitude das angras  
de onde os barcos partiram

para esses mares de Ulisses.  
O uivo dos cães, a lua  
como um punhal cravado

no seio da nuvem negra:  
tudo é dádiva dos deuses.  
O vento anuncia a morte.

## XXVIII

Um anjo chora em teu ombro  
ó bravo Melibeu.

Breves são os dias

das estações do homem.

Breves os seus desejos  
e longos os seus pesares.

Breves os dias de glória  
quando os homens se coroam  
de ilusões e de racimos.

Breves os dias e longas  
as noites do apocalipse.  
O vento anuncia a morte.

## XXIX

A brisa roça os teus ombros  
ó Melibeu, qual se fosse  
o hálito de um deus

chegado do paraíso.

Mas tudo isso não passa  
de uma ilusão dos sentidos.

Tudo é sombra e se dispersa  
na litania dos vórtices.

Enquanto o rebanho pasta

o sol na verde colina  
ao som veloz dos arroios  
o vento anuncia a morte.

### XXX

O lugar dos teus anseios  
está, agora, em ruínas.

A marca das intempéries

em cada canto da casa:  
nas portas e nas janelas  
nas vigas e nas paredes.

Já não há rumor de água  
nas telhas sujas de limo  
onde o mistério germina.

Enquanto o luar vagueia  
nos quartos e nos retratos  
O vento anuncia a morte.

## XXXI

Quando te ergues da cama  
com gosto de ferrugem  
na boca e na alma.

Quando o café-com-leite  
e a torrada metafísica  
são sussurros do remorso.

Quando a mesa fumegante  
recorda a infância do boi  
pastando o tempo e a paisagem.

Quando o menino de outrora  
carpir um verso em teu peito  
o vento anuncia a morte.

## XXXII

A carne se evapora  
entre lírios e delírios.  
A solidão te persegue

como um cão expulso  
de casa. Andas pelas  
ruas como se levasses

um pesadelo às costas.  
Em vão dialogas com  
as árvores da alameda

onde as folhas repetem  
seu bailado outonal.  
O vento anuncia a morte.

### XXXIII

Vai-se a tarde com as pombas  
e os últimos raios do sol.

O mar é um touro que ruga

e adormece na areia.

Gaivotas pousam nos mastros  
ancorados. Um navio

parte sem saber se volta.

Leva promessas e adeuses  
para cidades de espuma

que não existem nos mapas  
nem na memória das bússolas.

O vento anuncia a morte.

## XXXIV

Partirei para a morada  
de pedra onde o sol  
se deita como um tigre

cansado e sonolento.  
Me lembrarei de ti  
como um sussurro de pássaro

entre cachos de sombras.  
Teus olhos me seguirão  
sob espantos e arcadas.

Galgarei o cimo da noite  
amada erguida em ti mesma.  
O vento anuncia a morte.

## XXXV

Convoco o fulgor do pássaro  
e a luz gelada da pedra.

Convoco o andar dos arroios

balindo entre os eucaliptos.

Convoco a respiração  
dos lagos, as labaredas

da chuva, a sinfonia  
dos relâmpagos, os graves  
violoncelos do mar.

Convoco os numes das vides  
e os olhos negros do húmus.  
O vento anuncia a morte.

## XXXVI

Só o amor, ó Melibeu,  
dá realeza às vertigens  
do homem. Só o amor

nos trespassa com seu arco  
de setas e de chamas.  
Só o amor nos encontra

no umbral da ressurreição.  
Só o amor nos distingue  
da rocha e da paisagem.

Só o amor nos preserva  
das chamas do purgatório.  
O vento anuncia a morte.

## XXXVII

Só o amor nos vence  
e nos coloca no vértice  
do tempo. Só o amor

nos mostra o seu fanal  
de seduções, seu remígio  
de pássaro veloz.

Só o amor nos conduz  
de volta ao paraíso  
perdido. Só o amor

e seu vinho nos bastam  
(filhos espúrios do Éden).  
O vento anuncia a morte.

## XXXVIII

Ó Melibeu, quantas vezes  
o sono te encontrou  
à sombra da árvore

do amor? Os brolhos das vinhas  
estão dourados de sol.  
Os cachos pendem dos galhos

e lembram seios ávidos  
de mães que amamentassem  
descendentes de deuses.

Rega o amor, ó Melibeu,  
como se rega uma árvore.  
O vento anuncia a morte.

## XXXIX

Busquei o amor à sombra  
das vinhas e dos altos  
pórticos das catedrais.

Busquei o amor no sussurro  
das vertentes acordadas  
e nas asas do pássaro.

Busquei o amor nas entranhas  
do mito, nos olhos cegos  
dos cardumes, nos terraços

de onde se avista o mar  
vencido pelas gaivotas.  
O vento anuncia a morte.

## XL

Dormi à sombra dos cedros  
da montanha, viajei  
caminhos e encruzilhadas.

Tive fome e senti sede.  
Vi os touros do céu, mas  
não vi os olhos do amor.

Vi as estrelas com seus  
anéis de fogo, o fanal  
na frente dos afogados.

Vi a esfinge veloz, mas  
não vi os olhos do amor.  
O vento anuncia a morte.

## XLI

O corpo é uma nau  
de palavras e adeuses.  
Escultura de sombras

à espera da morte.  
O corpo é um objeto  
de areia que se desfaz

em lágrimas. Um deus  
acorrentado às chamas  
do purgatório. Uma

barca de vozes e espantos  
mergulhada num pântano.  
O vento anuncia a morte.

## XLII

Não sou feito de pedra.  
Não sou a montanha onde  
crescem os cedros de Deus.

Não sou o cacho da vide  
mais alto nem mais doce.  
Não sou o primeiro raio

da alba nem o mais puro  
jorro do vinho. Não sou  
a porta fortificada.

Não sou Josué para  
transformar um dia em dois.  
O vento anuncia a morte.

## XLIII

Não sou o profeta que  
apascenta escorpiões  
com seu verbo e seu olhar.

Não sou o mágico que  
converte trapos de seda  
em pombas e serpentes.

Não sou a torre mais alta  
da catedral do sonho.  
Sou o mendigo que espera

a noite chegar para  
vestir seu manto de estrelas.  
O vento anuncia a morte.

## XLIV

Não sou a porta de cedro  
que vela a insônia dos reis.  
Não sou a ovelha mais gorda

do rebanho nem o pássaro  
que voa mais alto. Não  
sou o eleito dos deuses.

Não sou o comensal mais  
esperado do banquete.  
Sou o que oferta aos convivas

da noite as rosas do vômito.  
Sou o que resta da ceia.  
O vento anuncia a morte.

## XLV

Não sou feito de pedra  
para suportar o raio.  
Não sou o primogênito.

Sou o filho pródigo.  
O que adormeceu à sombra  
dos pórticos e sujou

as vestes. O que bebeu  
do vinho dos bastardos.  
Sou uma barca de cinza

boiando na correnteza  
dos dias e das noites.  
O vento anuncia a morte.



COISAS  
E LOISAS



## CÂNTICO DA PEDRA

Faz dois bilhões de anos  
que a chuva e o sol  
gorjeiam nestas pedras.  
O tempo as modelou  
com seu formão de limo  
e vento, com seus dedos  
de raio e tempestade.  
Estas pedras são signos  
de deuses soterrados.  
São palavras de um código  
sonhado pelos mortos.  
Gotas do tempo eterno.

II

Estas pedras são palavras  
de um léxico de raízes.  
São figuras de alguma  
estatuária dos rios  
e dos pântanos. Estas  
pedras escrevem lendas  
no pergaminho das águas.  
As pedras são confidentes  
dos comensais do húmus.  
São coisas entre as coisas  
umbrais da hora mágica.  
Gotas do tempo eterno.

## VERSO DE HOMERO

Quero aprender a morte  
sem ódio e ressentimentos.  
Quero morrer como as árvores morrem

Quero aprender a morte  
como as formigas aprendem  
sua negra caligrafia.

Como as nuvens aprendem  
a rota dos pássaros  
quero aprender a morte.

Quero aprender a morte  
como se aprende  
um verso de Homero.

## LIÇÃO DE ESPAÇO

O homem no espaço  
é a sombra de Sísifo.

O espectro da esfinge  
a vertigem do tísico.

O homem no espaço  
é a pedra no vértice.

A folha que tomba  
no vórtice.

## LIÇÃO DE ABISMO

O dia é a fogueira  
de um sonho que ardeu.  
O abismo sou eu.

A noite flutua  
num lago de breu.  
O abismo sou eu.

A liberdade é uma asa  
aberta no céu.  
O abismo sou eu.

O vento repete  
os versos do hebreu.  
O abismo sou eu.

A morte é o inventário  
do que se perdeu.  
O abismo sou eu.

## CONSTRUÇÃO DO DIA

Quero construir o dia  
como se constrói a morada  
ou um vaso de barro  
para as núpcias da flor.

Quero construir o dia  
como se não fosse a parede  
que decepa o arco-íris  
e os corpos dos amantes.

Quero construir o dia  
com lascas de vento e sol  
o cântico dos arroios  
e o grito das gaivotas celebrando o mar.

## CANÇÃO PARA TOM JOBIM

Antônio Brasileiro  
de Almeida Jobim  
tu és o verdadeiro  
irmão do passarim.

Nos lábios das meninas  
cem beijos de batom  
te esperam nas esquinas  
das ruas do Leblon.

Copacabana e o mar  
têm cheiro de alecrim.  
Hora de namorar  
o Antônio Passarim.

Chega um rumor do espaço  
um riso de arlequim.  
São as águas de março  
ao som de um bandolim.

Antônio Brasileiro  
de Almeida Passarim  
saudade não tem cheiro  
tristeza não tem fim.

Diz que faz mas não faz  
a vida é sempre assim.  
Morrer nunca é demais  
se Deus é passarim.

## CANÇÃO DO PARQUE

Tem um deus que nos renega  
mas não sabe por quê.

Tem alguém neste parque  
pensando em você.

Tem um vulto na sombra  
que a saudade não vê.

Tem alguém neste parque  
pensando em você.

Tem a escrita do vento  
que o adivinho não lê.

Tem alguém neste parque  
pensando em você.

Tem o nome mais doce  
que começa com C.

Tem alguém neste parque  
pensando em você.

## PARÁFRASE DE ALMEIDA GARRETT

Pescador da barca bela  
se te engolfas na procela  
quem te vela  
oh pescador?

Pescador da barca esguia  
se é de noite ou se é de dia  
quem te guia  
oh pescador?

Pescador da barca antiga  
essa estrela côm de espiga  
que te siga  
oh pescador.

Pescador da barca aflita  
nos momentos de desdita  
quem te fita  
oh pescador?

Pescador da barca bela  
são negros os olhos dela.  
Foge dela  
oh pescador.

## RUIVA CADELA

Uiva, cadela ruiva  
que a noite vai chegar  
acorrentada ao luar.

Uiva, cadela ruiva  
que em tempo de ceifar  
a morte vem do mar.

Uiva, cadela ruiva  
que a Ursa milenar  
gosta de te escutar.

Uiva, cadela ruiva  
que a morte vem do mar  
e ancora em teu olhar.

Uiva, cadela ruiva  
que é tempo de jogar  
o anzol dentro do mar.

## A CHUVA E A PEDRA

O sol assoma ao pórtico  
de ouro do dia breve  
ao som da chuva na pedra.

O sangue da amada jorra  
das negras veias da terra  
ao som da chuva na pedra.

O adeus do morto adeja.  
Desfaz-se a argila da esfera  
ao som da chuva na pedra.

A morte cavalga o corpo  
por dentro da estratosfera  
ao som da chuva na pedra.

Nada que enfeita o vazio.  
Tudo se acaba ou começa  
ao som da chuva na pedra.

## CANÇÃO MUTANTE

Somos todos mutantes  
como o vento e a água  
o desenho das nuvens  
e a luz branca dos rios.

Somos todos mutantes  
como as rotas dos pássaros  
a plumagem das estrelas  
e a bússola dos navios.

Somos todos mutantes  
como as sombras das árvores  
os mananciais do vento  
e os vestígios da morte.

Somos todos mutantes  
como os rios da lua  
a carruagem dos dias  
e o som da chuva na pedra.

## EROS E TANATOS

Comédia de poucos atos  
vai-se a vida veloz  
entre Eros e Tanatos.

Comemos dos nossos pratos  
bebemos do nosso vinho  
entre Eros e Tanatos.

Deus tece as lendas, os fatos  
e os fios da nossa teia  
entre Eros e Tanatos.

Ao longo giro dos astros  
as estações se desfolham  
entre Eros e Tanatos.

O pó dos nossos sapatos  
refaz as sendas do mito  
entre Eros e Tanatos.

Queimam-se os olhos dos gatos  
ao brilho das porcelanas  
entre Eros e Tanatos.

Sejamos todos cordatos  
que o sonho passa veloz  
entre Eros e Tanatos.

## RUANDA E A MORTE

Vi a morte em Ruanda.  
A alma desanda quando passa  
a negra sarabanda.  
A morte navega em Ruanda  
com a sua vela panda.  
Quando a morte passeia em Ruanda  
a infantaria das fogueiras  
fica paralítica de uma banda.  
A esfinge nefanda  
comanda a ceia da negra vianda.  
A morte anda em Ruanda  
com a ferocidade dum urso panda.

Ruanda, ó pórtico do Inferno  
ó volúpia de Lúcifer  
ó limiar do limiar da maldição  
ó cidadela de assombros  
ó purgatório de sonhos naufragados.  
Que poderei fazer por ti, senão  
acariciar-te com a minha indignação?  
senão vomitar a alma sobre tuas ruínas?  
senão dizer-te que ardemos contigo  
no holocausto da África?  
senão circundar-te com uma auréola de gritos?  
um diadema de paz, um colar de mortos?

## VAIDADE

Se a chuva, deusa dos brotos  
acorda os numes da terra  
não é por causa de teus poemas.

Se as ovelhas ruminam  
as pastagens do cio  
não é por causa de teus poemas.

Se os rios vão para a foz  
e a infância dos afogados  
não é por causa de teus poemas.

Se a lua, irmã de Penélope  
tece a mortalha dos reis  
não é por causa de teus poemas.

Se as éguas correm nos prados  
em núpcias de sangue e fogo  
não é por causa de teus poemas.

Se as vides botam seus cachos  
iguais aos seios da amada  
não é por causa de teus poemas.

Se em noites de tempestade  
os mortos largam seus túmulos  
não é por causa de teus poemas.

## TIGRE

Quando ele passa entre arcadas de sombras  
o som do seu andar sacode as árvores  
acorda as aves e os olhos dos pântanos.

Os cipós das lianas pegam fogo  
folhas e galhos retorcidos ardem  
quando ele passa entre arcadas de sombras.

Até as pedras fogem quando o gato  
vara a floresta com seu dorso em chamas  
rendido o olhar às súplicas do olfato.

Esse avatar dos deuses tem nos olhos  
a sedução de um déspota, o fulgor  
de todos os desejos assassinos.

Quando a lua vai alta e os astros dormem  
as pupilas do tigre ainda farejam  
a pulsação da presa adormecida.

Este livro foi acabado de imprimir aos 10 dias de fevereiro de 1995, nas dependências de ZAS GRÁFICA E EDITORA LTDA., na rua Santo Antônio, 437, Juiz de Fora, sob orientação de MUNDO MANUAL EDIÇÕES, com endereço na Estrada da Bica, 536/105, Ilha do Governador, CEP nº 2931-370, Rio de Janeiro-RJ.



